



O APOCALIPSE DE PAULO (NHC V,2) E O *CORPUS HERMETICUM*: CONVERGÊNCIAS DE CRENÇAS SOBRE ASCENSÕES CELESTIAIS¹

The Apocalypse of Paul (NHC v,2) and the Corpus Hermeticum: convergences of beliefs about heavenly ascent

José Aristides da Silva Gamito²

Resumo:

A possível influência e a convergência de crenças herméticas e cristãs podem ser verificadas em relações intertextuais e temáticas de textos apócrifos e pseudepigráficos da biblioteca de Nag Hammadi com a literatura hermética. Neste artigo, identifica-se o compartilhamento dos temas da ascensão celestial e do processo salvífico entre o Apocalipse de Paulo (NHC V,2) e *Corpus Hermeticum* (HC 1, HC 13), Discurso sobre a Ogdôada e a Enéada (NHC VI,6) e Asclépio (NHC VI,8). O texto narra uma viagem de Paulo ao céu que fornece marcas cosmológicas, antropológicas e éticas que foram confrontadas com o *Corpus Hermeticum*. Em seguida, analisaram-se as aproximações e distanciamentos entre os dois sistemas que foram contemporâneos e dividiram os mesmos ambientes socioculturais.

Palavras-chave: Apocalipse de Paulo. Hermetismo. Ascensão. Processo Salvífico.

Abstract:

The possible influence and convergence of hermetic and christian beliefs can be verified in intertextual and thematic relationships of apocryphal and pseudepigraphic texts from the Nag Hammadi library with hermetic literature. In this paper, we identify the sharing of themes of celestial ascension and the salvific process between the Apocalypse of Paul (NHC V,2) and *Corpus Hermeticum* (HC 1, HC 13), Discourse on the Eighth and the Ninth (NHC VI,6) and Asclepius (NHC VI,8). The text narrates Paul's journey to heaven that provides cosmological, anthropological and ethical features that were compared with the *Corpus Hermeticum*. And then, the similarities and differences between the two systems that were contemporary and shared the same sociocultural environments were analyzed.

Keywords: Apocalypse of Paul. Hermeticism. Rise. Salvific Process.

Introdução

A diversidade religiosa era uma característica do mundo mediterrâneo dos primeiros séculos da Era Comum. A relativa hegemonia que o cristianismo foi atingindo no Império Romano a

¹ Enviado em: 15.09.2023. Aceito em: 17.12.2023.

² E-mail: joaristides@gmail.com.

partir do século IV é apenas um estágio dessa história. No Egito, coexistiram cristianismo, judaísmo, gnosticismo, hermetismo e várias religiões helenistas. Na biblioteca de Nag Hammadi, foram encontrados no mesmo ambiente textos cristãos, gnósticos, valentinianos, herméticos e filosóficos.

A presente discussão tem como objetivo geral comparar textos de diferentes sistemas religiosos a fim de averiguar contatos, convergências e distanciamentos. Em particular, temos como alvo a relação entre cristianismo e hermetismo. Os pesquisadores Gilles Quispel e April DeConick apontaram em suas pesquisas várias relações intertextuais entre o *Evangelho de Tomé* (NHC II,2) e os textos herméticos. Eles identificaram, pelo menos, duas crenças fundamentais que fazem as duas fontes convergirem: O autoconhecimento como uma condição soteriológica³ e as viagens ao mundo divino.⁴ Neste trabalho, tomaremos o *Apocalipse de Paulo* (NHC V,2) a fim de analisar também essas possíveis relações intertextuais.

A tradição dos textos herméticos se formou em diferentes estágios dentro de um período que vai desde o século I antes da Era Comum até o século III da Era Comum. A literatura hermética ou *Corpus hermeticum* (CH) constitui um conjunto de obras da antiguidade que contém revelações, diálogos e epístolas que foram transmitidos sob a autoridade de Hermes Trismegisto. Integram essa obra 17 tratados breves de tema pedagógico-sapiencial e foram redigidos nos arredores de Alexandria. Portanto, é uma produção do patrimônio multicultural do Egito helenizado.⁵

A literatura hermética transita entre três campos, a saber, entre a religião, o misticismo e a filosofia. Os textos discorrem sobre a origem do mundo, sobre a condição humana e a salvação. O homem aspira à sua natureza primordial que é divina e imortal. Por isso, o tema da ascensão e do autoconhecimento têm tanto destaque. O crente hermetista busca a regeneração por meio do conhecimento.⁶ Por isso, as ascensões e as revelações se tornam experiências almejadas pelos crentes.

As crenças herméticas possuem aproximações temáticas com a filosofia médio-platônica, com um platonismo estoicizante e paralelos com o sincretismo judaico-egípcio. Tais convergências temáticas levaram os pesquisadores a considerarem o hermetismo ora sob a ótica helênica, ora sob a ótica judaico-egípcia. Nos estudos modernos do hermetismo, destacam-se Wilhelm Kroll e Josef Kroll e André-Jean Festugière que consideram o fato de as fontes herméticas usarem argumentos da filosofia grega. Desse ponto de vista, as crenças herméticas seriam produto de um ecletismo filosófico helenista que associaram ideias platônicas e estoicas.⁷

Por outro lado, não se pode desconsiderar que o *Corpus hermeticum* (CH) surge no ambiente egípcio. Nessa região, havia uma sabedoria milenar das religiões tradicionais egípcias e também da presença de judeus por meio da *Septuaginta*. É justamente em Nag Hammadi no Egito que seriam encontrados textos gnósticos cristãos, platônicos e herméticos no mesmo sítio

³ QUISPEL, Gilles. The Gospel of Thomas Revisited. In: VAN OORT, Johannes. *Gnostica, Judaica, Catholica: Collected Essay of Gilles Quispel*. Nag Hammadi & Manichaean Studies. V. 55. Leiden; Boston: Brill, 2008, p. 223.

⁴ DECONICK, April. *Seek to See Him: Ascent and Vision Mysticism in the Gospel of Thomas*. Leiden; New York: Brill, 1996, p. 109.

⁵ ANTUNES, Pedro Barbieri. *Soteriologia e cosmogonia no Corpus hermetico: o caminho iniciático do hermetismo antigo*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. p. 29.

⁶ ANTUNES, 2022, p. 08.

⁷ LIRA, David Pessoa de. O argumento das artes mânticas no Corpus Hermeticum 12.19. *Griot: Revista de Filosofia, Amargosa*, v. 17, n. 1, p. 283-303, jun. 2018.

arqueológico. A biblioteca de Nag Hammadi é um indício da convivência entre esses diversos sistemas de crenças. A partir daí, então, nos perguntamos sobre as possíveis influências e intercâmbios de crenças entre essas religiões e sistemas filosóficos.

Embora, segundo Pereira,⁸ não seja possível identificar e classificar grupos específicos de hermetistas, em Nag Hammadi é possível distinguir um grupo que lia essa literatura e que vivia em comunidade. Ou alguma forma de grupo ou confraria. O diálogo *Asclépio* (NHC VI,8) encontrado nessa localidade apresenta Hermes educando seus filhos espirituais. Depois da instrução ocorre um abraço. Há presença também de elementos como um banquete cerimonial com alimento sagrado. Alguns traços de uma comunidade esotérica podem ser percebidos.

É seguro afirmar que o hermetismo não se propagou como um culto organizado com uma liturgia específica, mas os textos de Nag Hammadi sugerem a existência de grupos que celebravam suas experiências individuais coletivamente por meio de alguns ritos, hinos e orações. Apesar disso, não há nenhuma recomendação formal de organização social para os cultores do hermetismo.⁹

As características sociais e culturais desse grupo não estão no escopo desse trabalho. A nossa atenção se voltará para a convergência de crenças entre textos herméticos e textos cristãos. Entre os textos herméticos, abordaremos o *Corpus Hermeticum*¹⁰ com os tratados 1 e 13, os tratados de Nag Hammadi *Asclépio* e o *Discurso sobre a Ogdôada e a Enéada*.¹¹ Da literatura cristã, selecionamos a *2ª Epístola aos Coríntios* e o *Apocalipse de Paulo*. A temática que perpassa esses textos é o fenômeno da ascensão celestial. São obras que narram experiências de um viajante que ascendeu até os céus.

A Experiência da Ascensão Celestial no *Corpus Hermeticum*

O *Corpus Hermeticum* registra as crenças e as doutrinas fundamentais do hermetismo. Considerando a pluralidade de temas existentes na literatura hermética, esta análise tem como fulcro os escritos filosófico-religiosos. Dentre essas crenças que levaremos em consideração, estão o autoconhecimento como uma condição soteriológica, a purificação ética, as viagens ao mundo divino e o processo de divinização do homem.

O autor do CH acredita que o intelecto humano é capaz de voar para longe da alma e que “os seres humanos se elevam até o céu, podem mensurá-lo e conhecem suas alturas e profundidades. Eles aprendem tudo com precisão e, mais que tudo isso, eles chegam ao topo se abandonar a terra, tamanha sua condição” (CH 10, 25). No discurso de Hermes Trismegisto, há uma descrição da natureza da visão divina. A contemplação da realidade divina é descrita como uma visão bela e que ofusca os olhos. Mas atinge cada pessoa de acordo com a capacidade que tem de recebê-la. O viajante adormece, afasta-se do corpo rumo a uma visão da beleza e do bem. O

⁸ PEREIRA, Ronaldo Guilherme Gurgel. The “right way” of Hermetism: disputes on Gnostic’s, Pagan’s and Christian’s (re-)visions of the Hermetic phenomenon in late antiquity. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, ano XI, 2012 / n. 16/17, 2012, p. 153-175.

⁹ PEREIRA, 2012, p. 153-157.

¹⁰ Para os textos do *Corpus hermeticum*, seguimos a tradução de: ANTUNES, Pedro Barbieri. *Soteriologia e cosmogonia no Corpus hermético: o caminho iniciático do hermetismo antigo*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

¹¹ Para os textos de Nag Hammadi, utilizamos a seguinte edição: ROBINSON, James (ed.). *The Nag Hammadi Library in English*. Leiden: Brill, 1977.

conhecimento resultante dessa experiência é o silêncio divino e a supressão de todos os sentidos (CH 10, 1-5).

Nos ensinamentos de Poimandres, a experiência da ascensão do intelecto é narrada como um sono após a refeição, seguido da supressão das sensações corpóreas. O enunciador conta sobre sua experiência de revelação com o Intelecto de Autoridade Absoluta. A visão que se abriu adiante, mistura luz, trevas, sons e jogos de imagens. A luz foi identificada por Poimandres como o Verbo divino (CH 1, 1-6). Quando o intelecto ascende, ele percorre sete esferas celestiais. À medida que vai avançando, ele vai se desprendendo e se libertando dos vícios:

Disso, o ser humano soergue-se através da harmonia cósmica, abandonando a potência de expansão e contração na primeira zona: na segunda, os estratagemas vis, expediente ora inativo: na terceira, a ilusão do desejo, ora inativa: na quarta, a arrogância do líder, ora livre do excesso: na quinta, a presunção e a inconsequência temerária: na sexta, os impulsos vis oriundos da riqueza, ora inativos: na sétima zona, o dolo enganador (CH 1, 25).

Ao adentrar-se na oitava esfera, a ogdôada, o viajante entoia hinos ao Pai. Aqueles que entoam hinos nessa esfera se unem a Deus. O espaço equipara-se a um abrigo de salvação. Poimandres diz que quem percorreu esse itinerário deve se tornar guia para os demais encontrarem a sua salvação (CH 1, 26). A revelação que Poimandres faz ao seu discípulo nessa ascensão é a respeito dos mistérios da criação, da condição do homem e do caminho da salvação. E a missão do viajante é voltar e instruir seus contemporâneos.

A experiência da ascensão e do progresso ético tem outros desenvolvimentos também no tratado HC 13, no *Asclépio* e no *Discurso sobre a Ogdôada e Enéada*. No CH 13, a ênfase está na progressão ética do viajante através da superação de 12 vícios por 12 virtudes. O exercício é apresentado como um caminho de renascimento (CH 13,7). O *Asclépio* enfatiza também o conhecimento e a prática das virtudes (NHC VI,8 66.10-25), inclusive, o julgamento e a punição das almas imperfeitas entre o céu e a terra (NHC VI,8 76. 20-35.77, 5-10).

No *Discurso sobre a Ogdôada e Enéada*, os discípulos desejam experimentar as dimensões que ficam acima do sétimo céu. Eles dizem que já atingiram a sétima esfera, agora pedem ao deus que lhes conceda a visão do oitavo e do nono. Pois, nessas dimensões que estariam a verdade e a perfeição, o pleroma (NHC VI,6 56. 25-30, 57.5-10). Em religiões distintas, podemos verificar o mesmo fenômeno. Todas essas experiências que envolvem ascensão nos textos herméticos encontram seus correspondentes na literatura neotestamentária e pseudepigráfica. Em suma, os adeptos do hermetismo e do cristianismo vivenciavam experiências místicas muito semelhantes.

A tradição da Ascensão de Paulo no Apocalipse de Paulo

Além dos Atos dos Apóstolos e das epístolas paulinas, desenvolveu-se uma literatura pseudepigráfica em torno do nome de Paulo. Por isso, o episódio da ascensão de Paulo na *2ª Epístola aos Coríntios* 12, 1-4 recebeu uma continuidade no Apocalipse. A reformulação de memórias dos apóstolos é um procedimento que pode ser observado em muitos textos apócrifos e pseudepigráficos. Na primeira versão, a de *2ª Coríntios*, Paulo narra que experimentou um arrebatamento até o terceiro céu e recebeu visões e revelações diretamente de Cristo:

¹É preciso gloriar-se? Por certo, não convém. Todavia mencionarei as visões e revelações do Senhor. ²Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro

céu — se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe! ³E sei que esse homem — se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe! — ⁴foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir (2 Cor 12, 1-14).¹²

Quando Paulo compartilha a experiência com seus leitores já se passaram quatorze anos. Ele não sabe dizer se sua ascensão foi corpórea ou somente espiritual. Inicialmente, ele diz que foi elevado até o terceiro céu. Mais adiante, emprega o termo paraíso. É nesse estágio que relata ter ouvido revelações admiráveis e inefáveis. A brevidade das informações não nos permite concluir se o paraíso é mais um dos estágios do céu, ou se a experiência ocorreu inteiramente no terceiro céu. Paulo se esquivava de se sentir orgulhoso com a experiência, contudo, se essas revelações não eram permitidas a nenhum homem, ele se sentia privilegiado.

O breve episódio acabou ganhando um desenvolvimento posterior com mais detalhes no *Apocalipse de Paulo* e tendo como plano de fundo a narrativa da *Epístola de Gálatas* 1, 13-17, na qual Paulo diz que não foi a Jerusalém naquela ocasião. Entre a *2ª Coríntios* e o *Apocalipse de Paulo* existe uma distância temporal e espacial. Paulo escreveu sua epístola em Éfeso entre os anos 52 e 55.¹³ Já a cópia copta do *Apocalipse de Paulo* de Nag Hammadi pode ser datada do século IV. Mas sua composição original deve ter sido em grego no século II.¹⁴ A cópia é o segundo texto do chamado “códice apocalíptico”. Ele se encontra junto com mais três apocalipses: *1ª e 2ª Apocalipses de Tiago* e *Apocalipse de Adão*. Esse gênero literário é bastante presente na biblioteca de Nag Hammadi.

As gerações posteriores ao período neotestamentário combinaram tradição e inovação para gerar novos textos. A figura de Paulo como autoridade foi empregada como um ponto de partida para novas interpretações de crenças cristãs.¹⁵ Dentro desse procedimento, o nome Paulo acabou se tornando um pseudônimo em alguns textos de Nag Hammadi e suas crenças aparecem frequentemente reinterpretadas ou associadas a novas visões religiosas. *A Hipóstase dos Arcontes* trata de uma guerra espiritual aos moldes de *Efésios* 6. *A Oração do Apóstolo Paulo* contém uma prece em nome do apóstolo. O *Tratado sobre a Ressurreição* contém expressões típicas da mensagem paulina.

A predileção desses círculos cristãos pela figura de Paulo tem como origem como sugere April DeConick, a presença de sementes cristãs e gnósticas nos seus discursos. Nessa mesma direção, Elaine Pagels explica que gnósticos como Valentino utilizaram a linguagem das epístolas de Paulo para formular a base de sua antropologia, cristologia e teologia. Esse argumento pode ser associado também à necessidade de eleger uma autoridade para os textos gnósticos.¹⁶ Paulo se tornou um protótipo para esses grupos assim como Hermes Trismegisto era entre os hermetistas.

¹² BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém* - Nova edição, revista e ampliada 3ª imp. São Paulo: Paulus, 2004.

¹³ COSTA, José Joaquim Mendes da. *A retórica da loucura na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios*. O recurso teológico a uma categoria inesperada. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2019, p. 36.

¹⁴ CHAVES, Júlio César. O Apocalipse Coptico de Paulo e sua Relação com a Literatura Apocalíptica Judaica. *Oracula*, São Bernardo do Campo, v. 1, n. 2, 2005, p. 59-68.

¹⁵ LANZILLOTTA, Lautaro Roig. The Apocalypse of Paul (NHC V,2): Cosmology, Anthropology, and Ethics. *Gnosis: Journal of Gnostic Studies*, 1, 1-2, 2016, p. 110-131.

¹⁶ BERGSTRÖM, Eirini. *The journey of the Valentinian hero - Outlining the imaginative world of early Christian apocalyptic narratives*. A comparative study of the Apocalypse of Paul (NHC V, 2) and the First Apocalypse of James (NHC V, 3 & TC 2). Master Thesis. Department of humanities and social Science (HSV), Mi Sedem University, 2019, p. 15.

No início do *Apocalipse de Paulo*, o apóstolo recebe uma revelação especial. A narrativa começa quando Paulo estava se dirigindo a Jerusalém para se encontrar com os apóstolos. Então, uma criança o interrompe, dialoga com ele, dá-se início à ascensão a partir da montanha de Jericó. Após a recomendação da criança para que Paulo encontre os apóstolos, ele os viu e o Espírito Santo o elevou até o terceiro céu. Mais adiante, a criança é revelada como o Espírito Santo (NHC V,2 18. 3-30,20.5).

No quarto céu, ele presencia o julgamento das almas e, no quinto, havia mais anjos as levando para o julgamento. O sexto céu é iluminado por uma luz intensa. Paulo se depara no sétimo céu com um ancião sentado num trono e que tenta impedir a sua ascensão. Ele interpela Paulo e exige uma senha para prosseguir a viagem. Mas Paulo consegue seguir e alcançar o décimo céu. Como se fora o ápice do processo, ele encontra e cumprimenta seus companheiros espíritos (NHC V,2 20.6-24.5).

As narrativas de ascensão aos céus não são incomuns na literatura judaico-cristã. Stephen Wunrow¹⁷ elenca vários exemplos: *Livro dos Vigilantes*, *Livro das Parábolas*, *2º Enoque*, *4º Esdras*, *2º Baruque*, *3º Baruque*, *Apocalipse de Abraão*, *Testamento de Levi*, *Testamento de Abraão*, *Ascensão de Isaías* e *Apocalipse de João*. Todos esses textos possuem narrativas com similitudes e diferenças desde a natureza da ascensão, a estrutura e números dos céus e o resultado da experiência.

Stephen Wunrow realizou um estudo comparativo das experiências de ascensão na apocalíptica judaica considerando os aspectos abaixo que tomamos como metodologia para a análise do *Apocalipse de Paulo* e *Corpus Hermeticum*:

Tabela 1 - Esquema da análise dos céus apocalípticos

Temas	Apocalipse de Paulo	Corpus Hermeticum
1 - Natureza e meios	Paulo estava a caminho de Jerusalém e de uma montanha denominada de Jericó é elevado imediatamente aos céus pelo Espírito Santo.	O viajante adormece e se afasta do corpo, aos poucos vai suprimindo seus sentidos.
2 - Restrições	O ancião que estava no sétimo céu tenta impedir sua ascensão. Ele exige uma senha para Paulo entrar na ogdôada.	Depois da ogdôada, existe uma zona superior, para qual há exigências de purificação para o acesso. É a esfera do inefável, do autogerado.
3 - Número de céus	São dez estágios. Além dos três de 2º Coríntios, o Apocalipse de Paulo acrescenta sete.	São dez estágios. Primeiramente, um conjunto de sete esfera que se completa com a ogdôada, a enéada e a década.

¹⁷ WUNROW, Stephen. Paul among the Travelers into Heaven: 2 Corinthians 12:1-4 and Other Early Jewish and Christian Ascent Texts. *Biblical Research*, 67, 2022, p. 33-58.

4 - Estrutura dos céus	Os céus apresentam portões que parecem dividir cada estágio e têm um pedágio. Eles são habitados por anjos, por santos e por um ancião.	As esferas herméticas contêm um jogo de luzes e de sombras.
5 - Função dos céus	Os céus são espaços do conhecimento total, lugar de julgamento e de santificação.	As esferas são espaço de conhecimento da natureza, das coisas supremas, de desprendimento dos vícios.
6 - Função dos anjos	Os anjos têm a função de julgar as almas pecadoras e de castigá-las.	Há apenas companheiros.
7 - Resultados	Paulo atinge a imortalidade / espiritualização e se incumbe de conduzir os cativos.	O viajante se diviniza e recebe a missão de instruir os outros com base na revelação.

Fonte: Desenvolvido pelo autor com base em Stephen Wunrow (2022).

As duas experiências de ascensão têm natureza e meios diferentes de partida. Ao conversar com uma criança, Paulo imediatamente se vê nos céus. No Poimandres, tudo começa com uma sensação de sono, de adormecimento dos sentidos. Os dois casos têm uma restrição acima do sétimo céu visto que o domínio superior depende de purificação para ser acessado no Poimandres. Já Paulo depende da senha do ancião do sétimo céu.

Uma característica de destaque é o número de céus e esta molda toda a cosmologia comparativa dos textos em análise. Enquanto, a *2ª Coríntios* restringe a experiência do viajante ao terceiro céu, o *Apocalipse de Paulo* enumera a experiência até o décimo céu. Como observa Wunrow, a divisão da estrutura celestial varia muito dentro dos textos de ascensão. Há textos como *Vigilantes*, *Parábolas*, *Testamento de Abraão*, *Apocalipse de João*, *Esdras* e *Baruque* que não dividem, apenas indicam alguns lugares, espaços. Porém, dentre aqueles que enumeram, os números variam de três a sete.¹⁸ Incluindo, os textos de Nag Hammadi que ampliam o número para dez.

O *Apocalipse de Paulo* opta por uma estrutura de dez céus. A existência desse número assemelha à visão do *Corpus Hermeticum* e do *Discurso sobre a Ogdôada e a Enéada* (NHC VI,6). Esses textos reuniram um motivo teológico ao sistema de sete planetas da astronomia antiga. O espaço reservado ao reino divino foi situado além das setes esferas celestiais. Há outro exemplar dessa cosmologia no livro *Apócrifo de João* (NHC II,1, III,1, IV,1).¹⁹

Segundo a subdivisão de Lanzillotta,²⁰ a estrutura cosmológica do *Apocalipse de Paulo* está composta por três grandes regiões. Primeiramente, existe o mundo material representado pela montanha de Jericó. É simplesmente o palco do ponto de partida da narrativa, o autor não tem

¹⁸ WUNROW, 2022, p. 33-58.

¹⁹ LANZILLOTTA, 2016, p. 110-131.

²⁰ LANZILLOTTA, 2016, p. 110-131.

interesse nos assuntos do mundo terreno. Em seguida, a segunda região é a celestial composta pelos 7 céus. Destaca-se como morada dos principados, autoridades, potestades, anjos e demônios. Por fim, acima de todos, existe a região divina. É a região a qual pertence o espírito de Paulo.

Há elementos notáveis na narrativa. A montanha identifica a realidade terrena.²¹ Ela é identificada também com o mundo dos mortos e, conseqüentemente, como lugar do pecado. A estrutura celestial contém portões e um trono. Esses elementos são utilizados por vários textos da apocalíptica judaica. Quando Paulo passa do quarto para o quinto céu há um portão que os divide. Depreende-se da narrativa que os estágios são separados por um portão e há um cobrador de pedágio. Um ancião com roupas brancas sentado no trono é visto no sétimo. Os anjos estão presentes também como juizes das almas. A plenitude dos céus está no décimo estágio, quando Paulo encontra seus companheiros espíritos. No *Discurso sobre a Ogdôada e a Enéada*, os discípulos desejam experimentar as esferas acima da hebdômada (NHC VI,6 56.25-30, 67.5-10). Eles vivenciam uma experiência extática que os leva desde a purificação até o décimo céu. A ogdôada e a enéada são dimensões perfeitas e reservadas ao louvor divino. Enquanto, na década reina o silêncio.

Os estágios revelam também a função do céu. Stephen Wunrow²² identificou nos textos de ascensão seis funções: litúrgica, operação do mundo, de julgamento, de punição e de recompensa e de registro de memória. O Apocalipse de Paulo situa o quarto e o quinto céus como o estágio no qual anjos levam almas ao julgamento e de punição e as punem por seus pecados. Os anjos cobram as almas por seus vícios e as punem mandando de volta aos corpos. A função litúrgica não aparece no Apocalipse, mas está presente no *Corpus Hermeticum*.

Em *Gálatas* 1, 13-17, Paulo se refere à Jerusalém terrena, e no *Apocalipse*, o seu destino é a Jerusalém celeste. Logo, no início da visão, Paulo fala com os apóstolos. A Jerusalém celestial está associada à região dos sete céus. É um espaço que está mais próximo da região terrestre e se configura como o domínio dos apóstolos. O Espírito Santo e os apóstolos são os guias de viagem de Paulo. Mesmo que esses apóstolos sustentem a denominação de “espíritos eleitos”, mas será Paulo quem tem acesso ao domínio superior a partir da ogdôada. Conforme a interpretação de Lanzillotta, os apóstolos ficam na hebdômada e somente ele entra na ogdôada.²³ O Apocalipse confere a Paulo o status de abençoado (NHC V,2 18. 1-5, 23.1-5), ele é um herói viajante com permissão de ascender até os níveis mais elevados.

Lanzillotta considera essa diferença de acessos às regiões celestes como transgressora em relação à tradição neotestamentária. De fato, era de se esperar que os apóstolos fossem os protagonistas visto que Paulo foi convertido posteriormente e não conviveu com Jesus. No entanto, a inovação do texto associa os apóstolos às regiões da hebdômada, ao domínio psíquico ainda associado às paixões. E faz Paulo pertencer ao reino espiritual, divino, acima da hebdômada.²⁴

Além dos apóstolos e dos anjos, a hebdômada é o domínio do ancião do sétimo céu. O personagem nos lembra *Daniel* 7. Trata-se de um ancião com roupas mais brilhantes que 7 vezes o brilho do sol. Ele vive na região mais elevada da hebdômada, é o criador e senhor dos principados e das autoridades, contudo, não ocupa o ápice da estrutura celestial. A continuidade de Paulo

²¹ LANZILLOTTA, 2016, p. 110-131.

²² WUNROW, 2022, p. 33-58.

²³ LANZILLOTTA, 2016, p. 110-131.

²⁴ LANZILLOTTA, 2016, p. 110-131.

dependeu de uma senha que somente ele poderia validar. Lanzillota o identifica com o demiurgo, o deus inferior dos gnósticos. A partir da ogdôada seria o reino do divino e do inefável.²⁵

Na literatura hermética, há um paralelo para a função de julgamento. Enquanto, os anjos julgam e punem os vícios humanos no *Apocalipse*, no *CH 1*, o viajante percorre um processo de purificação de seus vícios ao longo das sete esferas: ele supera as sensações (primeira esfera), as estratégias vis (segunda), a ilusão dos desejos (terceira), a arrogância do líder (quarta), a presunção e inconsequência temerária (quinta), os impulsos vis oriundos da riqueza (sexta) e o dolo enganador (sétima). A viagem pela hebdômada equivale a um processo de superação das paixões. Contudo, no *Asclépio* há mais do que uma purificação, o grande Deus designou um *daímon* como juiz que intercepta a alma após a morte e examina a sua conduta. A alma imperfeita é impedida de subir e sofre a sua devida punição com fogo (NHC VI,8 76.20-77. 5-10).

No julgamento no quarto céu do *Apocalipse de Pedro*, as três testemunhas denunciam as paixões da raiva, ira, inveja e desejos. Os pecados são censurados genericamente sem haver uma lista de vícios como acontece no *CH*. Além disso, as almas que servem como testemunhas acusam as outras de pecarem quando estavam em seus corpos. São as sensações corporais que são acusadas de provocar os crimes. Após ser julgada, a alma é lançada para baixo e enviada para outro corpo como punição. O ato de “lançar para baixo” tem ocorrência tanto no *Asclépio* quanto no *Apocalipse*. É importante evidenciar o desfecho do julgamento da alma. É uma crença de fundo grego que defende a metempsicose como um processo de punição das almas imperfeitas.

O movimento de descida da alma (catábase) é entendido nas duas fontes como uma punição da alma. Já que o corpo é a sede das sensações e das emoções que conduz ao crime e ao sofrimento, retornar à condição de encarnado é a pior punição que alguém poderia receber. No *Asclépio*, a alma retorna para ser submetida aos sofrimentos e, no *Apocalipse de Pedro*, para uma nova vida corporal, igualmente, suscetível de sofrimentos e de erros. Assim:

[...] a alma poderia se transformar em algo pior caso conduzisse a vida no corpo de forma indigna, mas estaria diante da possibilidade de tornar-se algo melhor mediante uma conduta produtiva em meio à vida física. Assim, a encarnação não seria somente a catábase da alma; o corpo gestaria a alma tornando-a apta para o intelecto e, talvez, ascender para além da esfera astral.²⁶

Por outro lado, o movimento de subida da alma (anábase) permite a aquisição do conhecimento necessário para se desfazer das angústias e do sofrimento. Na ética hermetista, a ignorância é a primeira causa de todos os vícios. A revelação da verdade vem a ser condição indispensável para alguém vencer a dependência de todos os vícios. O viajante hermetista faz esse caminho de purificação das paixões terrenas durante a hebdômada. Os resultados do processo ascensional são atingidos a partir da ogdôada. É um processo salvífico por meio do qual o homem se diviniza. Ninguém pode ser salvo sem renascer (CH 13,1).

De modo similar, a finalidade da viagem de Paulo é torná-lo um homem espiritual. Note-se que, ao chegar no décimo céu, ele saúda os companheiros espíritos. Ele já se tornou semelhante àqueles que habitam o cume do reino divino, possuidor da imortalidade. O processo de espiritualização começa com a abertura para a revelação: “Deixa tua mente despertar” (NHC V,2

²⁵ LANZILLOTTA, 2016, p. 110-131.

²⁶ ANTUNES, 2022, p.79.

19.5-10). O despertar da mente torna-se condição exigida para compreender o conteúdo da revelação. Esse processo incluindo a superação das paixões e dos desejos corporais para aspirar os estágios mais elevados da busca espiritual e, por consequência, a divinização.

Afinal, o Apocalipse de Paulo é Hermético?

O fenômeno da ascensão aparece em textos gnósticos, herméticos e na apocalíptica judaica. Mas existem as diferenças. Júlio César Dias Chaves²⁷ aponta que a ascensão no gnosticismo tinha um caráter salvífico e ocorria sempre após a morte. A filiação ao gnosticismo, especificamente, do tipo valentiniano também não seria plausível. Ele enfatiza que essa corrente não fazia parte dos debates no Egito copta no século IV. Não era um tema que estivesse na expectativa dos leitores da época.²⁸

No caso do *Apocalipse de Paulo*, o viajante faz sua experiência de percorrer os céus em vida, uma situação que tem um lugar comum na tradição da apocalíptica judaica, mas com descontinuidades e transgressões. O autor manteve o gênero da apocalíptica judaica, contudo, inovou a respeito das características e dos objetivos da ascensão. Pois, esses dois últimos elementos convergem para a literatura hermética. Lanzillotta avalia:

Na minha opinião, o Apocalipse de Paulo compartilha com os textos herméticos algo mais do que o número dos céus. Da mesma forma, como nos tratados herméticos, a ascensão no Apocalipse de Paulo é apresentada como um progresso ético, que começa com sua saída de Jericó, passando pelo domínio da existência corporal e física, e culmina em Jerusalém, o nível psíquico superior. Com Poimandres, o Apocalipse de Paulo compartilha tanto a visão negativa do hebdômada, quanto a ogdôada como o início da região divina, e a descrição dos graus de ascensão à glória seguindo duas camadas²⁹ (Tradução nossa).

Desse modo, o Apocalipse de Paulo possui paralelos com o CH 1, CH 13 e o *Discurso sobre a Ogdôada e a Enéada* no que diz respeito à estrutura cosmológica, à ascensão como progresso ético e ao processo salvífico que transforma espiritualiza ou diviniza o homem. Os dois sistemas de crenças possuem uma representação cosmológica, antropológica e ética que, se comparados, envolvem convergências notáveis.

O Apocalipse de Paulo e o *Corpus Hermeticum* retratam a experiência de ascensão aos céus durante a vida. A finalidade das viagens se assemelham. Os viajantes participam de um processo de revelação de verdades ocultas e superiores que estão plenamente relacionadas com a salvação. As esferas celestes apresentam um gradativo processo de afastamento do mundo material até alcançar a década, o cume da espiritualização ou da divinização.

No âmbito da ética, a corporeidade e as paixões são consideradas causas do mal e do sofrimento. Através da ascensão, o viajante tem a oportunidade de aprender a se desapegar dos

²⁷ CHAVES, 2005, p. 59-68.

²⁸ CHAVES, 2018, p. 166-167.

²⁹ No original em inglês: “In my view, *Apocalypse of Paul* shares with the *Hermetic tracts* something more than the number of heavens. In the same way as in the *Hermetic treatises*, the ascension in *Apocalypse of Paul* is presented as an ethical progress, which begins upon his leaving Jericho, the realm of the body and physical existence, and culminates in Jerusalem, the higher psychic level. With *Poimandres*, *Apocalypse of Paul* shares both the negative view of the hebdomad, the ogdoad as the beginning of the divine region, and the description of the ascending degrees of glory of the following two layers” (LANZILLOTTA, 2016, p. 110-131).

vícios, tornando-se racionalmente capaz de dominar suas emoções e sentimentos. As sete esferas herméticas são um processo terapêutico de superação dos maiores vícios. Nos céus paulinos, existem os julgamentos que impõem punições aos vícios terrenos. Além da punição, as almas têm oportunidade de se regenerar pela metempsicose. Como os textos herméticos, o *Apocalipse de Paulo* confere uma natureza ética para a ascensão.

Do ponto de vista antropológico, o homem está dividido entre o reino material e o espiritual. O seu objetivo é a superação das imperfeições psíquicas, éticas. Através da ascensão ele ultrapassa sua condição material e atinge a fusão com o divino. Portanto, o processo realiza uma transformação ontológica no homem. No *Apocalipse de Paulo*, o alvo da ascensão não é o trono de Deus como na apocalíptica judaica, o viajante pretende ir mais alto e encontrar seus “companheiros espíritos” no sentido de *homoiosis theou*, ou seja, de se tornar divino.

Considerações finais

A convergência entre as crenças herméticas e as crenças cristãs, principalmente, as heterodoxas, pode ser demonstrada através das relações intertextuais entre o *Apocalipse de Paulo* e o *Corpus Hermeticum*. O fenômeno nos permite observar que as religiões no mundo mediterrâneo no início do cristianismo estavam em constante trocas. Mesmo que cada sistema de crenças tivesse um núcleo dogmático, resistente a mudanças, porém, havia pontos de contatos que permitiam aproximações e trocas.

A asserção sobre influências específicas de um sistema sobre outro é difícil de precisar. No entanto, diversos paralelos entre crenças podem ser tomados no sentido de convergências, de trocas, é claro, devidamente acomodadas e reinterpretadas dentro de um novo sistema filosófico ou religioso. Dentre essas constantes trocas entre as religiões do mundo mediterrâneo do século I ao IV, podemos averiguar testemunhos textuais do fascínio que os textos herméticos exerceram sobre cristãos, gnósticos e valentinianos.

O *Corpus hermeticum*, indubitavelmente, ensinava uma cosmovisão integral para o homem antigo porque lhe oferecia uma filosofia teórica e ético-sapiencial em termos antropológicos, cosmológicos e teológicos. A partir dessa análise comparativa, espera-se que novas pesquisas venham se somar a esta a fim de ampliar a compreensão de como o hermetismo moldou o pensamento místico e moral da antiguidade, principalmente, no período do surgimento e da consolidação do cristianismo antigo.

Referências

ANTUNES, Pedro Barbieri. Soteriologia e cosmogonia no Corpus hermético: o caminho iniciático do hermetismo antigo. *Tese* (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

BERGSTRÖM, Eirini. *The journey of the Valentinian hero - Outlining the imaginative world of early Christian apocalyptic narratives. A comparative study of the Apocalypse of Paul (NHC V, 2) and the First Apocalypse of James (NHC V, 3 & TC 2)*. Master Thesis. Department of humanities and. social Science (HSV), Mi Sedem University, 2019.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém* - Nova edição, revista e ampliada 3ª imp. São Paulo: Paulus, 2004.

CHAVES, Júlio César. O Apocalipse Cóptico de Paulo e sua Relação com a Literatura Apocalíptica Judaica. *Oracula*. São Bernardo do Campo. Vol. 1, n. 2, 2005, p. 59; p. 68.

COSTA, José Joaquim Mendes da. A retórica da loucura na Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios. O recurso teológico a uma categoria inesperada. *Dissertação* (Mestrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2019.

DECONICK, April. *Seek to See Him: Ascent and Vision Mysticism in the Gospel of Thomas*. Leiden; New York: Brill, 1996.

LANZILLOTTA, Lautaro Roig. The Apocalypse of Paul (NHC V,2): Cosmology, Anthropology, and Ethics. *Gnosis: Journal of Gnostic Studies*, 1, 1-2, 2016, p. 110-131.

LIRA, David Pessoa de. O argumento das artes mânticas no Corpus Hermeticum 12.19. *Griot: Revista de Filosofia, Amargosa/Bahia*. Vol.17, n.1, junho/2018, p.283-303.

PEREIRA, Ronaldo Guilherme Gurgel. The “right way” of Hermetism: disputes on Gnostic’s, Pagan’s and Christian’s (re-)visions of the Hermetic phenomenon in late antiquity. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*. Ano XI, 2012 / n. 16/17, p. 153-175.

QUISPEL, Gilles. The Gospel of Thomas Revisited. In: VAN OORT, Johannes. *Gnostica, Judaica, Catholica: Collected Essay of Gilles Quispel*. Nag Hammadi & Manichaean Studies. V. 55. Leiden; Boston: Brill, 2008.

ROBINSON, James. (Ed.). *The Nag Hammadi Library in English*. Leiden: Brill, 1977.

WUNROW, Stephen. Paul among the Travelers into Heaven: 2 Corinthians 12:1-4 and Other Early Jewish and Christian Ascent Texts. *Biblical Research*, 67, 2022.